

Amigos e admiradores do ex-presidente José Sarney movimentam a sua casa no Calhau

● PAG. 3



O ex-presidente José Sarney nunca fica só em sua casa de São Luís, que é sempre movimentada com a visita de amigos e admiradores como as professoras doutoras Marynéa Vale e Rita Carvalho Frazão Correa

A poeta Laura Amélia movimentou a Academia Maranhense de Letras com Noite de Autógrafos

● PAG. 2



Divulgação



O ROXO

O roxo é, de fato, uma cor com duplo significado proeminente em 2026, destacando-se tanto na liturgia da Igreja Católica durante a Semana Santa quanto nas passarelas de moda. Na Quaresma e Semana Santa, o roxo representa penitência, conversão, recolhimento interior e luto. A cor convida os fiéis ao silêncio e à reflexão sobre o sofrimento e sacrifício de Jesus Cristo, antecipando a ressurreição na Páscoa. O roxo, em tons que vão do lilás suave ao ameixa profundo, é considerado a cor que reflete uma abordagem baseada em emoção, criatividade e luxo silencioso. Portanto, enquanto na esfera religiosa o roxo simboliza "trevas" que precedem a luz da ressurreição, na moda ele simboliza uma expressão audaciosa e emocional para a temporada de 2026

● PÁGS. 4 e 5

O sábado de Aleluia é uma celebração de alegria - "aleluia" quer dizer "louvai ao Senhor e a sua ressurreição". É vida nova. E em nome desta vida permitiu-se ao povo o "justicamento" do traidor, a única forma de "tortura" não execrada pela moral social: a malhação do Judas. Por ela, a aleluia transformou-se também numa "vendetta", em "justiça feita pela mão do povo". O vil, o réprobo, aquele que trocou o Nazareno por 30 dinheiros é espancado nas ruas por um tribunal de moleques.

O espantoso muitas vezes assumiu identidades políticas ao longo da história: encarnou Luiz XVI, "justicado" pelos miseráveis da Bastilha, assim como sua Maria Antonieta, passada na guilhotina depois de desdenhar do populacho: "comam brioches". Confundiu-se com o Mussolini castigado e pendurado de cabeça pra baixo pelos partigiani. Foi o romeno Ceausescu, trucidado pelo seu povo, como revanche de uma ditadura cruel. E, mais recentemente, a estátua de Saddam Hussein derrubada do seu pedestal e rolando em pedaços pelas ruas de Bagdá, alimentando o escárnio de adultos e crianças,

O JUDAS

do sábado de Aleluia é um símbolo da infâmia, da sordidez, da vilania

num ato simbólico da queda do tirano. Aquele boneco que toda a Páscoa balança como um pêndulo numa árvore ou num poste, transformou-se no símbolo universal da infâmia, da sordidez, da vilania. E não havia em minha infância em Presidente Dutra ofensa maior do que, em alguma discussão na escola, ser chamado de "Judas". Era o agravo supremo ser comparado com aquela criatura execrada, malhada sem piedade pelo crime de haver entregue o Senhor aos filisteus.

Verdade que os moleques não se ligavam muito nos motivos daquela surra. Massacrar

o Judas era tudo o que importava, só pelo barulho, pela "farra".

Os pequenos carrascos se esqueciam até de almoçar, os pais saíam atrás dos malhadores, caçando os caçadores de Judas. Não era incomum chegarem os justiceiros da rua direto para a mesa do almoço, ainda suados e ofegantes, excitados pela liturgia da surra, de cuja consumação traziam nas mãos a prova: o pau de vassoura velha, à guisa de cacetete. Descansavam a arma atrás de alguma porta e desatavam a contar a peripécia, a aventura da malhação, na qual não chegava a ser raro o confronto entre os militantes,

uns malhando os Judas dos outros.

Um "Judas" bem trajado dava muito trabalho para montar, exigia dedicação de figurinista. Uma calça de smoking, uma camisa de colarinho, uma gravata colorida, um paletó destoando da calça e uma "maquiagem" infamante.

O linchamento do renegado apóstolo acabava desencadeando uma "onda" de pequenas traições. Para a grande surra arrecadava-se pela vizinhança tudo o que pudesse ser útil: roupa velha, palha de forração, crina de travesseiros, fazendas de colchões inúteis, chapéus, gravatas, guarda-chuvas e até piteiras - para os Judas fumantes. E tudo o que pudesse tornar ainda mais grotesca ou caricata a sua indigna figura. Muitos desses objetos eram surrupiados, arrebatados à sorrelfa, o que não deixava de ser uma pequena traição. Furtava-se álcool às cozinhas, leña aos fogões de tijolo de barro e pedaços de pau aos galinheiros.

Para exemplar um Judas moderno, teríamos que furtar algumas peças do vestuário dos finórios. Mas aí é outra história, já que é grande a coleção de traidores.

Fotos/Divulgação/Instagram



Ana Luiza Almeida Ferro



Karla Castro



Silvana Menezes



Adriana Gama



Tânia Rego

NOITE DE POESIA COM LAURA AMÉLIA DAMOUS

A Academia Maranhense de Letras foi palco, na última semana, do lançamento do livro *O tempo das manhãs trêmulas* (Editora 7Letras), da poeta e acadêmica Laura Amélia Damous, vice-presidente da instituição.

Sexto livro de poemas da autora, a obra foi apresentada a um público expressivo, formado por autoridades, acadêmicos, artistas, familiares e amigos da autora.

Antes da sessão de autógrafos, Laura Amélia foi saudada pelo secretário-geral da AML, Félix Alberto Lima; pelo poeta Fernando Abreu, que assina o prefácio do livro; e pelo presidente da Fundação da Memória Republicana Brasileira, Kécio Rabelo.

A autora também foi surpreendida por uma sequência de leitura de alguns poemas do livro, interpretados pelas poetisas Ana Luiza Ferro, Tânia Rego, Silvana Menezes, Adriana Gama de Araújo e Karla Castro.

O livro *O tempo das manhãs trêmulas* reúne poemas que abordam temas como memória, religiosidade, cotidiano e experiências pessoais, com ênfase na construção sintética e na precisão da linguagem.

A publicação mantém características recorrentes na trajetória literária da autora, como a concisão e a relação entre experiência individual e elaboração poética.



Fernando Abreu, Felix Alberto Lima e Laura Amélia Damous



Na plateia: acadêmicos Alexandre Lago, Daniel Blume e Carlos Gaspar



Aureliano Neto, José Carlos Sousa Silva, Alex Brasil e Chico Maranhão; atrás, Roberto Franklin e Arlete Nogueira da Cruz



Ceres Costa Fernandes, Ana Luiza Ferro e Elizabeth Rodrigues



Laura Amélia e Chico Saldanha com Josias Sobrinho e Lenita



Mesa com os livros da escritora Laura Amélia



Laura Amélia com Kécio e Ana Rabelo



Daniel Blume de Almeida e Laura Amélia Damous



Laura Amélia com Lino Célio Dias (filho do saudoso poeta Laudelino Célio)



Clores Holanda e Karla Sarney



Laura Amélia com o escritor Wilson Martins e esposa



Iran Passos (sócio efetivo do IHGM) e José Augusto Silva Oliveira (presidente do do IHGM)



Laura Amélia com a historiadora Clores Holanda



Laura Amélia com o poeta Bíoque Mesito e esposa



Laura Amélia com sua neta, a psiquiatra Samia Jamile

Perdida fé

Quem está na faixa dos 70 anos de idade viveu o tempo em que os católicos guardavam com absoluto rigor a Semana Santa.

A partir da quarta-feira, não se comia mais carne. Na sexta-feira, as famílias se reuniam para rezar e nenhuma atividade era realizada nas casas. Nem ao menos varrer-las. Qualquer barulho, diziam os velhos, aumentava o sofrimento de Jesus.

Hoje, a Semana Santa transformou-se, nas capitais, num grande feriado de reverência a Baco (deus do vinho) e à Pantagruel. A abstinência de carne só é obedecida pelos antigos.

Onde há respeito religioso ainda é no interior. Em algumas cidades, as igrejas são muitos frequentadas no período, o comércio não funciona e até alguns bares são fechados.

Jesus não queria morrer

Há pouco mais de dez anos tive oportunidade de conhecer uma Via-Sacra de grande beleza artística e originalíssima na sua concepção. Foi na catedral de Bariloche, na Argentina. Cada uma das 15 estações me impressionou e me convidou a ficar ali, contemplando-a ininterruptamente.

Mas a décima segunda, a da morte, me deixou extasiado. Nela o braço levantado e o rosto sereno do Crucificado irradiavam simultaneamente dor e deleite. Jesus sorri na direção de um recém-nascido que se assenta em um dos braços da cruz e chora aos gritos.

O choro da criança, o riso de Jesus: ali estava uma magnífica imagem da Redenção. Na morte de Jesus já estava contida a vida.

A vida nova do recém-nascido caminhava também para a morte. E, na cruz redentora, os dois mistérios se conjugavam e transcendiam em um só: a ressurreição. Em suma, é a vida que prevalece.

Jesus não queria morrer...2

Comparo estas cenas com as de um filme que fez furor por toda parte, faz algum tempo, A Paixão, do diretor norte-americano Mel Gibson. Sem agravo a outros gostos e sensibilidades, confesso que o detestei e só permaneci no cinema enquanto meu estômago suportou tanta tortura e tanto sangue.

Pior, no entanto, era a ideologia religiosa que o filme destilava subliminamente. Uma visão autoflageladora: se o Filho de Deus teve de sofrer tão grandes suplícios por conta dos nossos pecados, então quem somos nós, afinal?

Miseros pecadores, vermes ignóbeis, mercedores do inferno. Não é isso o que uma autêntica teologia nos propõe, é, antes, o sentimento de que somos pecadores sim, porém pecadores agraciados, amados e redimidos.

O filme tende a produzir em numerosos crentes um sentimento de culpa exacerbado. Sentimento de culpa em excesso tem sido uma arma eficaz para controlar as consciências das pessoas através do medo. Daí para o abuso do poder religioso é menos que um passo.

Jesus não queria morrer...3

Os sofrimentos de Jesus devem ser entendidos antes de tudo como suprema prova de amor e não como uma necessidade ditada por Deus de verter o máximo de sangue em troca de perdão. Sangue por perdão? Seria entender sadicamente a justiça divina.

Numa sessão ininterrupta de torturas, o sentimento de ser amado se aquilua vencido pela repugnância frente à maldade humana.

Jesus não subiu ao Calvário porque queria morrer. Morrer é uma coisa, parte da condição humana, procurar morrer é outra, um sentimento mórbido.

Jesus se mantém fiel à sua missão até as últimas consequências e isso o leva à condenação, pois aos olhos dos seus adversários ou morria ele ou perecia todo o povo ("é preciso que ele morra para que não pereça toda a nação" - Jo 11,50, decretaram eles).

Jesus não queria morrer...4

Compare-se a dramatização da dor em Mel Gibson e a sobriedade de linguagem dos evangelistas e logo se percebe a diferença: a primeira gera uma compaixão passiva e deprimente, enquanto a segunda produz uma compaixão dinâmica, a capacidade de sofrer na solidariedade com os crucificados de hoje.

Enfim, fomos resgatados pelo amor do Pai, na fidelidade do Filho, que não recuou diante da condenação e da morte para nos garantir a ressurreição.

O resto é ideologia, inclusive a de Mel Gibson, cujo pai foi um católico extremamente conservador, inimigo declarado das renovações do Concílio Vaticano II.

Olha o que eu fiz para você!

De repente, não mais que de repente, o consumismo virou doença epidêmica e foi contagiando ricos e remediados, sacrificando orçamentos e pirando as vítimas da compulsão de comprar.

Embarcando na nau dos insensatos, o marketing entra em cena para transformar a mania em mal irreversível, usando os meios de comunicação e criando hábitos desconhecidos de nossos avós.

É assim cada vez que uma festa tradicional aponta no calendário. É assim na Páscoa. Por toda a parte, os ovos de Páscoa vestem o fulgor de papéis cintilantes e descem, em cascata, de todas as lojas de alimentação. Os preços, muito acima do valor real (em real), variam até... bem, até quanto pode pagar o dinheiro vadio.

De tão banalizados, os ovos de Páscoa começam a ser substituídos por outras prendas. Que tal seguir o caminho de nossos antepassados e fazer em casa doces e biscoitos para serem embalados com carinho e levados para os amigos e parentes? Assim, com o rótulo da doação, o presente de Páscoa traduz o verdadeiro símbolo da liturgia que lembra o exemplo de Jesus, entregando-se, por inteiro, em nome da fraternidade e do amor ao próximo. E se houver amor (que o diga São Paulo), a mensagem da oferenda ganha sabor quintessencial.

Tradições profanas

No Brasil, desde os tempos de colonização, o catolicismo perdeu muito da característica europeia e se fundiu com a cultura popular regional, em uma festa de máscaras, cores e rituais.

Durante a Semana Santa, será possível apreciar, mais uma vez, esse abraço e regionalização da narrativa bíblica da ressurreição de Cristo em uma série de encenações, que se multiplicam por vários pontos do país.

A programação religiosa começa uma semana antes da Semana Santa propriamente dita. Nesse começo de festa, a procissão que mais chama atenção é a do Encontro, que ocorre no Domingo de Ramos, e se encena o encontro de Nossa Senhora e Jesus a caminho do Calvário.

Mas o ponto alto da Semana Santa se dá a partir da Quinta-feira Santa, com o início da celebração das três mais importantes liturgias do ano: a missa do Lava-pés, a ação litúrgica da Paixão e a Vigília Pascal, que reúnem a riqueza dos rituais litúrgicos da Igreja.

Convite à reflexão

Embora os povos cristãos ligados a outras correntes religiosas também celebrem a Semana Santa, a Paixão de Cristo e a Páscoa são mais significativas para os católicos.

Durante o Tríduo Pascal, os católicos participam dos diversos atos religiosos programados pela Igreja Católica, que lembra a ressurreição de Cristo como exemplo de amor e esperança, e convida os fiéis para uma séria reflexão sobre o significado da vida.

A tradicional Procissão do Senhor Morto, realizada no Brasil há mais de 200 anos, simboliza o enterro de Jesus Cristo, após a crucificação. Principal ato litúrgico da Semana Santa, a procissão revive os atos que marcaram a via Crucis de Cristo.

No sábado, a Igreja Católica espera a ressurreição do Senhor, que ocorreu na madrugada de domingo, sendo o ponto alto a Vigília Pascal, que é o elo entre o Cristo crucificado e o Cristo ressuscitado. É a festa do caminho, da passagem que prenuncia a vitória da vida sobre a morte, da libertação sobre a escravidão.

CENA DE FAMÍLIA



Reprodução

ESCOLHI PARA ESTA EDIÇÃO DO PH REVISTA uma obra de 1891, do pintor paulista Almeida Júnior – que seria conhecido como um dos grandes nomes da pintura brasileira no século 19. Na tela “Cena de Família”, uma obra-prima do Realismo brasileiro pertencente à Pinacoteca de São Paulo, de autoria de Almeida Júnior (acima), o artista retratou o núcleo familiar de um engenheiro chamado Adolfo Augusto Pinto em uma cena cotidiana, em uma elegante sala de estar. A pintura a óleo retrata com intimidade e naturalidade o engenheiro, sua esposa Generosa e seus cinco filhos em uma sala de estar, refletindo a elite paulista do final do século XIX. Almeida Júnior caiu nas graças da burguesia paulista depois de uma temporada de estudos na Europa, custeada por dom Pedro II.

Fotos/Reprodução



Professora doutora Marynéa Vale, pediatra presidente da Sociedade de Puericultura e Pediatria do Maranhão, e a professora doutora da UFMA Rita Carvalhal Frazão Correa foram recebidas pelo ex-presidente José Sarney, em sua casa no Calhau. Na visita de cortesia, elas manifestaram sua alegria e honra de poder abraçá-lo



RECORDAR É VIVER. No registro, o Repórter PH recebendo na Festança Boi da Lua de 2025 o desembargador José Jorge Figueiredo dos Anjos acompanhado de seus filhos Fernando e Pablo, ambos advogados

Dia da Páscoa

Finalmente no domingo, os católicos celebram o dia da Páscoa, uma data universal, na qual os homens, independentemente de credo e origem, comemoram e louvam o próprio fenômeno da vida.

Entre informações históricas e um grande número de lendas, conseguiu-se estabelecer que a primeira Páscoa foi celebrada no século XIII antes de Cristo, pelos hebreus. Esta é também reconhecida como a primeira versão da Páscoa com um sentido religioso.

Moisés, antes de lançar a última das sete pragas sobre o Egito, ordenou que cada família hebraica tomasse um cordeiro ou um cabrito e o sacrificasse, no dia 14 do primeiro mês de cada ano. O sangue do animal seria espalhado nas portas e a carne servida com pães azedos e ervas amargas. Com isso, a festa tomava um sentido de libertação para o povo hebreu – A Passagem.

Há também a versão, bastante difundida, de que a Páscoa teria origem entre os povos nórdicos, não com sentido religioso, mas como um agradecimento à terra pelas colheitas e, ao mesmo tempo, um festejo à primavera que se aproxima naquela região nesta época.

A rejeição ao livro

Há algum tempo, não lembro bem a data, o governo de São Paulo decidiu abolir o livro didático impresso em algumas séries das escolas públicas daquele Estado, substituindo-o por conteúdo 100% digital. Decidiu num dia e no outro voltou atrás, pois a gritaria foi grande, especialmente por parte de educadores e de editoras que têm o Ministério da Educação como principal cliente.

Mas a questão não está encerrada: as autoridades paulistas continuam convencidas de que crianças e adolescentes podem aprender mais interagindo em telas e assistindo a audiovisuais do que por meio da leitura de livros tradicionais.

A Unesco, braço das Nações Unidas para a educação, diz que não é bem assim. Um estudo indica que a leitura em papel proporciona melhor compreensão e retenção de informações do que a visualização nos meios digitais. Uma das razões apontadas pelos pesquisadores é a distração causada por equipamentos eletrônicos, conclusão que também está levando alguns países a proibir o acesso ao celular pelos estudantes nas salas de aula.

A rejeição ao livro...2

Parecia que essa discussão já estava superada, mas, pelo jeito, o debate ainda vai longe. Contextualizando: fecha-se um pouco mais o chamado Parêntese de Gutenberg, período histórico caracterizado pela difusão do conhecimento a partir da invenção do tipo móvel para impressão de textos.

Os livros ainda ocupam espaço significativo nas nossas vidas, mas não há como ignorar que os jovens passam a maior parte do tempo concentrados (ou desconcentrados, sei lá) nas telas de seus celulares. Os jovens e os nem tanto.

Você aí, caro leitor e amável leitora, dedica mais horas de seu dia à leitura de impressos ou à telinha luminosa?

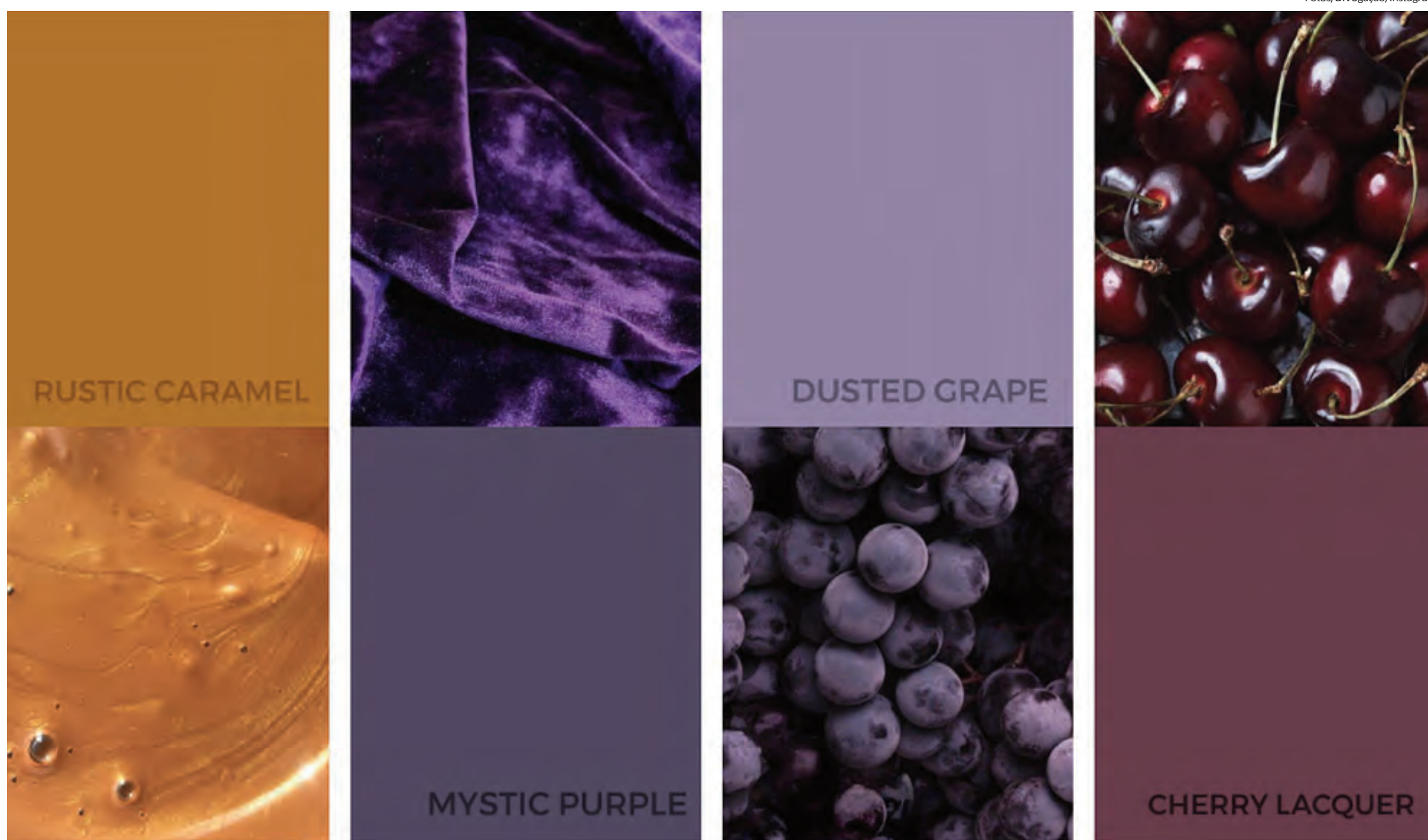
A rejeição ao livro...3

E não é só o livro de papel que está ameaçado pela hegemonia tecnológica. A letra cursiva – vejam só! – está sendo abandonada pelas escolas. A justificativa é totalmente pragmática: se meninos e meninas preferem digitar, por que exigir que escrevam à mão? A caneta e o lápis que ponham as pontas de molho, pois em breve poderão se tornar objetos de museu.

Sei que estou (estamos) aqui de passagem e que é melhor aproveitar a viagem do que ficar tentando alterar o rumo do trem da História, mas confesso que ainda não me sinto preparado para um mundo sem textos manuscritos e sem livros impressos.

Por isso, ainda que pareça conservadorismo inconsequente, deixarei aqui assinado o meu protesto contra os que defendem a extinção dos livros.

Onde foi parar a minha caneta?



SÁBADO SANTO

Neste Sábado Santo desejamos que o hino da Aleluia seja entoado com o pensamento de todos os cristãos voltado para o respeito e a proteção que merecem as minorias étnicas em todo o mundo e que a queima dos judeus, em nosso país, recupere a sua espontaneidade, sem se deixar contaminar por ideias racistas, de modo a de novo permitir a um povo humilhado e sofrido, dar a esses bonecos a identidade que bem desejar, tanto quanto o castigo que lhe pareçam merecer os por ele considerados, com todo o seu direito de julgar falsos, traidores, vendidos.

ROXO É COR DA PAIXÃO E DA MODA

Não só o vermelho, o roxo, cor sofisticada associada à realeza, além de ser o tom do Inverno, é considerada cor da paixão. Do aubergine à ameixa, passando pela púrpura, confere controlada sobriedade e um efeito vintage no visual. Neste Inverno que está se aproximando no Hemisfério Sul, se apaixone pelo roxo. As tonalidades violáceas irão predominar nas coleções de moda.

Cor da paixão, dos mártires, da Sexta-Feira Santa, da alquimia. Para as artes, é a cor da nobreza. A matiz dos sonhadores. Para os estilistas, uma pincelada de elegância e sobriedade. Roupas com este colorido falam apaixonadamente e mexem com os sentidos mais do que qualquer outra.

Roxo, aubergine (berinjela), ameixa, violeta, magenta, orquídea, cereja, lavanda, malva e principalmente a púrpura vão colorir os dias cinzas que a estação promove. Essas tonalidades quase teatrais são controladas porque combinam o fogo do vermelho com a tranquilidade do azul.

Na antiga Roma, onde milhares de mariscos eram triturados para se conseguir uma pequena quantidade desta coloração, roxos e púrpuras coloriam a realeza.

Isso explica o fato de as mulheres se sentirem rainhas quando vestem essa cartela de tons ou talvez porque, para os místicos, os violáceos têm o poder da elevação espiritual.

Por muitos anos, esses tons foram reservados para o clero, por supostamente evocar elementos de magia. O roxo simbolizaria uma posição inatingível.

O roxo (e suas variações como violeta, lilás e ameixa) também pode ser associado à paixão, mas de uma maneira mais complexa, intensa e mística do que o vermelho tradicional.

O roxo é uma das principais tendências de cor para a moda 2026, com um aumento de quase 180% em presença nas passarelas. A cor transmite força, poder e sofisticação, abrangendo tons de ametista, lavanda e violeta profundo, dominando looks monocromáticos, alfaiataria, moda praia e acessórios em coleções primavera/verão e inverno.

A cor, por si só, é um elemento que propõe inovação. A cada nova cartela, somos levados a repensar o modo como combinamos e compomos as cores.

Cada escolha torna-se uma oportunidade de construir uma estética inédita, surpreendente, autêntica. O resultado desse olhar investigativo é um estudo que explora as possibilidades a partir de combinações inusitadas e instigantes.

Os tons escuros atemporais no Outono/Inverno 2026 ganham destaque pela versatilidade e longevidade. Explore estes novos tons como uma alternativa ao preto.

Se as passarelas outono/inverno 2026 escolheram o roxo ametista como a cor para usar nestas semanas e nos próximos meses, a temporada de outono/inverno aqui nos trópicos não foi diferente, elegendo o roxo em seu tom clássico, intenso, envolvente e elegante como protagonista absoluto.

Uma cor que sempre foi associada a uma dimensão espiritual, íntima e mística. Mas também é extremamente sofisticada, e os vestidos desfilados nas passarelas de marcas famosas mostraram em sua forma mais expressiva.





PORQUE O ROXO ESTÁ EM ALTA

O roxo nasce da mistura entre o vermelho, que tem a ver com energia e intensidade, e o azul, que traz uma ideia de calma. Por esse motivo, a maior parte das pessoas associa a cor roxa à transformação, à mudança de fase e à busca pelos desejos mais profundos, algo que dialoga diretamente com o momento atual da moda.

Outro motivo para esse crescimento está nas referências culturais, como o universo do cantor Prince e a famosa Purple Rain (chuva roxa), que marcaram gerações e

reforçaram a força simbólica da cor. Isso traz um tom mais artístico e emocional para a cor, que combina super bem tanto com produções de festa quanto com looks mais casuais para o dia a dia.

Quem quiser apostar na tendência pode encontrar opções em lojas multimarcas, marcas autorais e também em e-commerces que vendem peças desfiladas nas semanas de moda. Outra boa alternativa são os brechós, tanto físicos quanto online, ótimos para quem quer entrar na tendência gastando menos e ainda apostar em consumo mais sustentável.



Aqui está o que o roxo representa no contexto da paixão e emoções:

- **Fusão de Paixão e Razão:** Sendo uma mistura de vermelho (paixão, energia) e azul (calma, sabedoria), o roxo representa o equilíbrio entre a intensidade amorosa e a razão, sendo uma cor que une o amor ao intelecto.
- **"Pecados Bonitos":** Segundo a psicóloga Eva Heller, citada em estudos sobre cores, o violeta é descrito como a cor de "todos os pecados bonitos", sugerindo uma paixão intensa, irresistível e, por vezes, misteriosa.
- **Intensidade e Profundidade:** Enquanto o vermelho é a paixão física, o roxo representa uma paixão mais profunda, mística, conectada à criatividade e à transformação (transmutação).
- **Romance Sofisticado:** Tons como o ameixa (vinho e roxo) são considerados mais sofisticados e intensos, ideais para representar desejos profundos.
- **Contexto Histórico/Religioso:** Na Idade Média, o violeta era usado para representar a paixão de Cristo, simbolizando a união da humanidade (sangue/vermelho) com a divindade (espírito/azul).



Um legado não é um fardo

Certa vez, li num artigo do escritor e filósofo Umberto Eco (1932-2016) que existem diferenças grandes entre as paixões políticas e esportivas.

Enquanto na paixão esportiva o indivíduo quase tudo pode no seu arrebatamento passional e, dificilmente, paga algum preço por isso, na defesa de uma ideologia, ou mesmo de princípios justos e honestos, o militante (torcedor?) está sujeito a severas punições sociais e jurídicas em função do seu comportamento.

Na política, os ventos mudam como as nuvens no céu. E é preciso estar preparado. Na política, as convicções, especialmente em países pouco civilizados e democraticamente imaturos, estão facilmente sujeitas à cadeia, senão à morte.

Almejar a mudança das relações na sociedade por um regime mais justo e de igualdade entre os cidadãos do seu país pode resultar em prisão, exílio e alijamento da participação na vida da nação.

Ser preso significa que você pisou na bola ou mais do que isso.

Como funciona, na cabeça de um garoto de 13 anos, ver seu pai enviado à cadeia com direito a manchete de primeira página no jornal, com seu nome estampado em letras garrafais? Como é visitar seu pai no pátio ensolarado de um presídio com altos muros em volta e guaritas com sentinelas armados?

Essa experiência foi vivida por um velho amigo que afirma, por experiência própria, que é tão triste quanto inesquecível.

Um legado não é um fardo...2

É o amigo quem pergunta: "Como pode o nosso ídolo maior, referência inescapável para nossas ações, aquele que sempre disse como deveríamos nos comportar, estar, subitamente, atirado ao rol daqueles que não merecem sequer a liberdade de andar nas ruas?"

Graças exatamente aos exemplos, conselhos e determinações emanadas dele, meu amigo confessa que nunca teve dúvidas ou vergonha da situação vivida por ele naquele ano de 1964. Isso não quer dizer que muitas das pessoas que conviviam (ou não) com ele tivessem esse mesmo sentimento. Na escola, alguns professores deixavam bem claro que o pai do meu amigo era figura subversiva e perigosa que comprometia o futuro do Brasil.

Foram necessários muitos anos de sofrimento para que enfim seu pai e seus companheiros fossem finalmente reabilitados e reconhecidos como pessoas que "apenas" queriam uma pátria menos desigual e com mais oportunidades para todos.

Os ventos da política foram soprando lentamente enquanto a desigualdade aumentava e os privilegiados iam sendo identificados e colocados em seu devido lugar.

Um legado não é um fardo...3

O pai do meu amigo, quase que de vilão a herói, fez com que ele tivesse a confirmação de que sua ausência de dúvidas era correta. Havia um lado certo naquela luta. Provavelmente pelo fato de seu pai sempre falar longamente sobre tudo aquilo em que acreditava e também o convidar, muitas vezes, para participar de sua vida extrafamiliar, fez com que ele conseguisse atravessar as dificuldades da família com algum alento e muita confiança. O prejuízo foi grande, especialmente para nosso país, mas a história seguiu.

Para sua tristeza, agora, na maturidade, testemunhou, uma vez mais, os ventos soprando novamente contra. Mas como tudo indica, infelizmente, nenhum avanço é definitivo e permanente. Como tudo passa rápido, nossa vida é muito curta para vislumbrarmos um desfecho, preferencialmente positivo.

Resta nossa memória, lapidada pelos acontecimentos, e nossa certeza da necessidade de defender sempre os mais fracos contra os poderosos de plantão.

"Triste mesmo – confessa meu amigo – é ser órfão e não mais poder consultar e ouvir a voz de seu pai".

O pesadelo das memórias

O velho colono italiano, tratando de ajudar o conterrâneo que enfrentava uma separação litigiosa, deu-lhe uma recomendação, sabedoria pura: "Compadre, xingue o quanto puder, diga o que tenha vontade, mas nunca escreva nada, porque isso um dia vai se voltar contra você!".

A modernidade abolindo o hábito de escrever cartas, deu a impressão de ter resolvido a inconveniência desse tipo de delação. Mas que nada! O vídeo com o requinte de som e imagem estava a caminho para desmascarar os hipócritas, trazendo a eles o constrangimento de não ter como desmentir.

E então a ameaça potencial de algum indiscreto ter guardado (com propósito espúrio, por certo) alguma bobagem que escrevemos num momento pouco inspirado ficava rondando na expectativa de que algum injuriado pudesse, sabe-se lá por qual razão, desopilar.

O pesadelo das memórias...2

Sempre penso nisso vendo filmes antigos de espionagem, quando, com frequência, repete-se a cena desesperada da queima de arquivo, quando uma célula terrorista era descoberta.

Com a chegada da era digital, economizou-se a cremação rica de poluentes e passamos à prática asséptica e ecológica dos hackers.

Enfim, não importando qual recurso tecnológico tenha sido usado, foi sacramentada a morte do desmentido. Cabendo à vítima desavisada e aos seus envergonhados herdeiros dar o destino que quiserem ao cadáver, porque na essência permanecerá o que a memória virtual arquivou.

E para sempre, porque o tempo da destruição tranquilizadora do computador foi em seguida ridicularizado pela criação debochada da "nuvem", uma denominação genial de um recurso cibernético que, mesmo com a dificuldade de entendimento de alguns políticos, já traz, no nome, uma informação implacável: ela não pode ser alcançada.

Permanece no plano "terrestre" a chance última de alegar que o que foi dito foi surrupiado de outro contexto, virou rotina, muitas vezes com cheiro de desespero, especialmente depois que surgiram os habilidosos editores do mal, capazes de mudar a ordem das palavras, dando-lhes a aparência de verdade absoluta.

O pesadelo das memórias...3

Se isso não bastasse, ainda assombra os prodígios de inteligência artificial, que criou a possibilidade de ensinar o robô a reproduzir o tom de voz de alguém falecido e, através de depoimentos gravados em vida, ter acesso aos seus pensamentos políticos ou filosóficos, "ressuscitando-o" de tal maneira que consiga "dialogar" com seus velhos conhecidos, sem que esses possam reconhecer o embuste. Em resumo, estamos a caminho da fraude cibernética inalcançável.

Voltando ao italiano do início da crônica, até o xingamento oral exige cuidados, tais como local deserto e olho vivo. Afinal, como saber que não há um gravador ligado ou um desocupado de celular em punho?

Então, só restará a possibilidade restrita de apelar para o foro que, muito adequadamente, é chamado de privilegiado. Pelo menos, enquanto isso não for considerado uma ameaça a algum peculiar estado de direito.

Olhos de Poesia...

Que a Poesia seja sol, e te aqueça...

Que a Poesia seja mar, e te renove...

Que a Poesia seja brisa, e te refresque...

Que a Poesia seja chuva, e te lave a alma...

Que a Poesia seja lua, e te ilumine...

Que a Poesia seja encanto...

Que a Poesia seja felicidade...

... cada vez que você parar e contemplar

a natureza, a vida... com olhos de Poesia!

Perdas e lutos

Todos nós, em algum momento das nossas vidas, perdemos alguém importante. Um parente amado, uma companhia, um amigo, alguém que nos inspira. Momentos muito difíceis de serem vivenciados. E nem sempre conseguimos realizar o luto, fundamental para reconstruir a vida.

O luto é um processo que começa no dia em que uma pessoa muito importante para

nós vai embora, e tem fases. A psiquiatra suíça Elisabeth Kubler Ross, um ícone nesse assunto, diz que o luto começa com a negação do que aconteceu. Depois vem a raiva, a negociação, a depressão, até chegarmos na aceitação.

E uma parte muito difícil nesse processo é o silêncio, momento em que ficamos muito distraídos do mundo e só prestamos atenção na nossa dor.

Perdas e lutos...2

Quando acontece uma perda, muitas vezes nos sentimos desorientados e fora de controle e não conseguimos entrar em contato com a dor. Negamos ou idealizamos a situação, como se aquela perda não tivesse acontecido, como se ainda fosse possível fazer algo para manter a imagem viva.

A gente vê isso quando alguém

que perde um filho, o marido ou a esposa deixa por muito tempo o quarto e as roupas intactas, alimentando a falsa ideia de que aquela pessoa ainda está presente de alguma forma.

Outra maneira é evitar falar na pessoa e tirar todas as referências dela da casa, na tentativa de evitar o contato com a dor, com o luto. Porque o luto dói.

Perdas e lutos...3

No término de uma relação, na perda de um amor, às vezes o caminho que alguns encontram para se manter conectados, negando o luto, é o conflito.

Na realidade brasileira de hoje, percebemos que para uma parte da população está difícil assimilar o que aconteceu e fazer o luto.

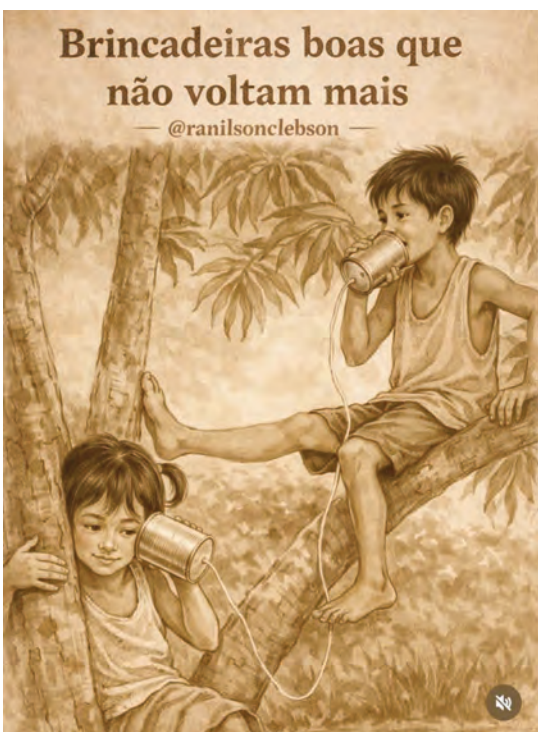
Muitos mantêm grupos fechados de WhatsApp e criam fatos que poderiam acontecer e não acontecem, buscando uma

realidade que não se faz mais presente. E, assustadoramente, passam a viver em um universo paralelo.

Um artifício emocional que nega os fatos na busca de evitar a dor, mas não faz o luto. Esses grupos apenas se retroalimentam do que eles mesmos criam para si.

Convido-os a se permitirem ficar tristes. E tocarem suas vidas em frente.

Fotos/Divulgação/Instagram



COMO ERA VIVER ANTES DESTES NOVOS TEMPOS

Eis uma mensagem linda e muito verdadeira que recebi de uma amiga: Em uma reunião familiar, um jovem perguntou aos pais, tios e avós:

– Como vocês viviam antes?

– Sem TV; sem Wi-Fi; sem tecnologia; sem internet; sem computadores; sem drones; sem bitcoins; sem celulares; sem Facebook; sem Twitter; sem YouTube; sem WhatsApp; sem Messenger; sem Instagram.

Então, no meio de toda a família, o avô se pronunciou e respondeu:

– Bem, olha, querido neto. Assim como a sua geração vive hoje... Sem orações; sem respeito; sem valores; sem personalidade; sem senso de compromisso; sem um eu interior; em caráter; sem tempero; sem ideais; sem amor-próprio; sem humanidade; sem modéstia; sem virtudes; sem honra; sem propósito; sem aquele “não sei o quê”; sem essência; sem objetivos; sem identidade, porque muitos não sabem se são homem ou mulher.

Nós, as pessoas NASCIDAS entre 1920 e 1975, somos abençoadas, e nossas vidas são a prova viva disso: depois da escola, a lição de casa vinha primeiro, e depois íamos brincar lá fora! Brincávamos com amigos de verdade, não com amigos virtuais da internet.

Costumávamos fazer nossos próprios brinquedos e brincar com eles. Nossos PAIS não eram ricos. Eles nos deram e nos ensinaram AMOR, não valores materiais ou mundanos.

Nunca tivemos celulares, laptops, DVDs, Play Stations, Xboxes, videogames, computadores pessoais ou internet... mas tínhamos amigos de VERDADE.

Parentes moravam perto para que pudéssemos APROVEITAR o tempo em família.

Podemos ter aparecido nas fotos em preto e branco, mas você pode encontrar memórias muito coloridas nessas fotos.

Somos uma GERAÇÃO ÚNICA e mais COMPREENSIVA porque somos a ÚLTIMA GERAÇÃO que OUVIU seus PAIS... e também a PRIMEIRA que teve que OUVIR seus filhos.

Somos uma EDIÇÃO LIMITADA!

Aproveite, valorize e APRENDA com ontem. Nascemos nos anos 40, 50 e 60. Crescemos nos anos 50-60-70. Estudamos nos Anos 60, 70 e 80. Namoramos nos anos 70, 80 e 90. Muitos de nós casaram e descobriram o mundo nos anos 70, 80 e 90.

Nos aventuramos nos anos 80 e 90. Nos estabilizamos nos anos 2000. Ficamos mais sábios nos

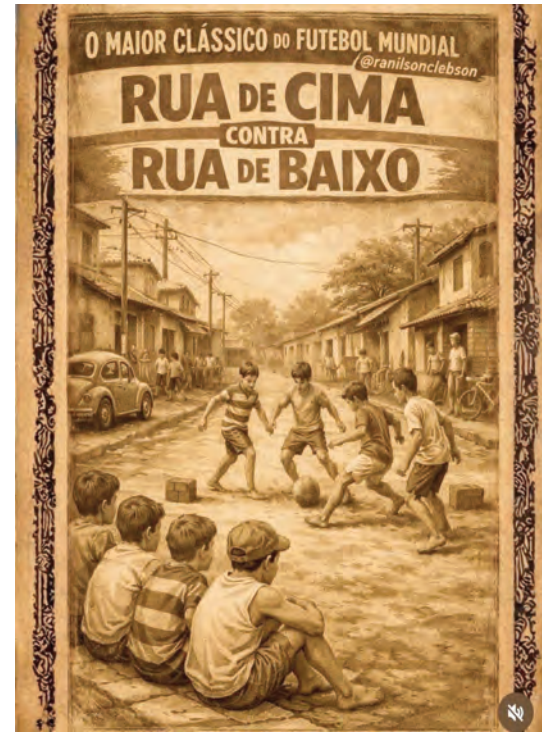
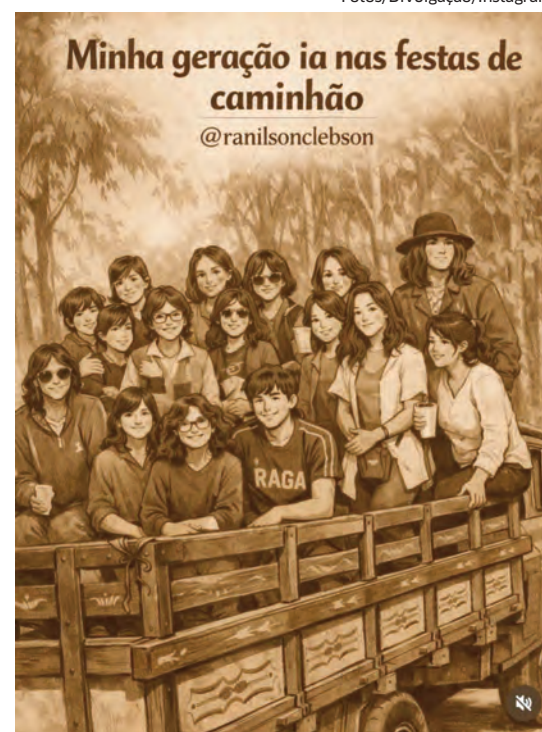
anos 2010. E estamos firmemente a caminho de 2027.

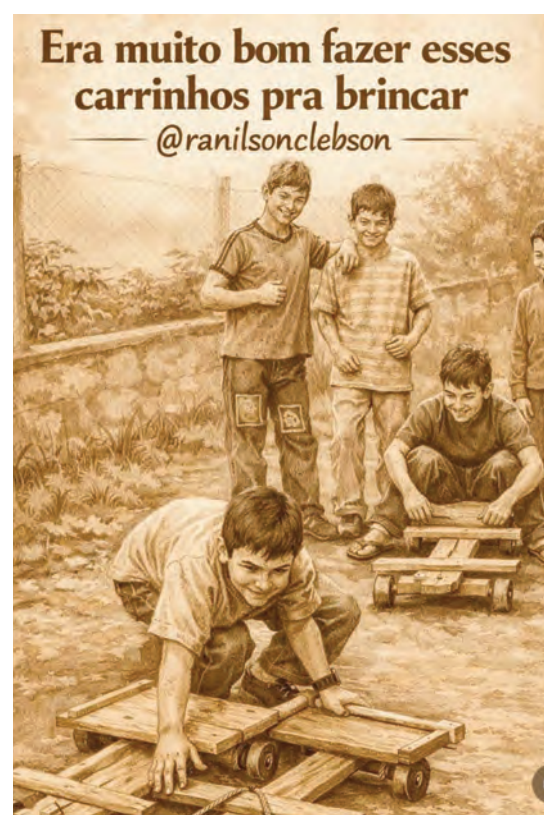
Acontece que vivemos OITO décadas diferentes... DOIS séculos diferentes... DOIS milênios diferentes... Passamos do telefone com telefonista para ligações de longa distância para videochamadas em qualquer lugar do mundo. Passamos dos discos de vinil para a música online, das cartas escritas à mão para o e-mail e o WhatsApp.

Cansamos de assistir aos jogos no rádio e passamos para a TV em preto e branco e depois para a HDTV. Íamos à locadora e agora assistimos à Netflix, Globo Play entre outras. Conhecemos os primeiros computadores, cartões perfurados, disquetes, e agora temos gigabytes e megabytes em nossas mãos em nossos celulares ou iPads.

Podem nos chamar de “Sobreviventes”. Pessoas que nasceram naquele mundo dos anos 1950, que tiveram uma infância analógica e uma vida adulta digital.

Somos uma espécie de “já vi de tudo”. Literalmente, nossa geração viveu e testemunhou muito mais do que qualquer outra em todas as dimensões da vida. Foi a nossa geração que literalmente se adaptou ao mundo. Uma grande salva de palmas a todos os membros de uma geração muito especial, que será ÚNICA.





Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr
@evandrojr

Pele, identidade e arte

A tatuagem vive uma nova fase, impulsionada pela Geração Z, que transformou a forma de enxergar e consumir essa arte. Para esses jovens, tatuar vai muito além da estética: é uma maneira de expressar identidade, valores e histórias pessoais. Cada desenho carrega significado, seja ele íntimo, simbólico ou até mesmo experimental, refletindo uma geração que valoriza autenticidade e liberdade de ser quem é.

Diferente de outras épocas, em que as tatuagens muitas vezes seguiam padrões ou tendências mais rígidas, a nova geração aposta na originalidade e na personalização. Traços delicados, composições minimalistas, estilos autorais e até projetos colaborativos entre cliente e artista ganham espaço, criando peças únicas que dialogam com a individualidade de cada pessoa.

Além disso, a Geração Z também impulsiona a valorização do tatuador como artista, acompanhando processos criativos, estilos próprios e trajetórias profissionais pelas redes sociais. A tatuagem deixa de ser apenas um serviço e passa a ser vista como uma experiência artística completa, onde conceito, técnica e conexão têm o mesmo peso.



No novo contexto da tatuagem, a pele deixou de ser apenas suporte e virou algo mais. O maranhense Arthur Freitas (@arthurrfreitas) é parte dessa geração que redesenha o significado da arte na pele, onde cada traço carrega identidade, memória e intenção. Impulsionados pela Geração Z, jovens tatuadores como o simpático e engenhoso Arthur transformam o ato de tatuar em uma experiência autoral, íntima e cheia de narrativa

Seresta Prime

O Projeto Seresta Prime, que já celebra dois anos de sucesso, promete agitar este domingo no bairro Turu. Realizado na Associação da Sucam a partir das 15h, o evento combina música ao vivo e dança, proporcionando momentos de diversão e bem-estar para o público a partir de 20 anos.

A banda Seresta Prime, formada pelos cantores Ítalo Cardoso, Faby Love e Nina Santos, pelo músico Adrian Campos e pelo maestro Paulinho Viana, comanda o repertório. Além deles, participam Eduardo Ébano, Fabiana Alves e outros convidados especiais a cada edição.

O projeto entra em nova fase com a inauguração da nova pista de dança, que deve receber mais de mil pessoas. Participam Walber Carvalho, Lilian Castro, Laércio Ribeiro, Cassiana Costa, Suave Veneno, Val Show e Kim Matos.

Noite nostálgica

O Casarão Beira Dumar, na Avenida Beira Mar, será palco, na noite deste domingo (4), de uma festa especial em homenagem ao Clubão da Cohab, icônico ponto de encontro de baladeiros de São Luís, especialmente dos bairros Cohab e Cohatrac. O espaço, que marcou a vida noturna da cidade nos anos 90 e 2000, volta a ser lembrado por meio de uma celebração que promete reviver a energia daquela época.

O Clubão da Cohab era conhecido pelos domingos animados, com baladas comandadas por DJs que se tornaram referências na cena local, como Mauro Blug, Fábio Freitas, DJ Sidney e Katonga. Agora, a festa no Casarão trará de volta esse clima, com um repertório especial de flashback, assinado pelos DJs Zeca Pinheiro, Júnior Katonga, Augusto Júnior e Mauro Blug, prometendo embalar os convidados ao som dos clássicos que marcaram gerações.

No Maracanã

O clima de São João já começa a tomar conta de São Luís, e um dos sinais mais aguardados desse aquecimento cultural vem do Boi de Maracanã, sotaque de matraca. Neste domingo (5), a partir das 13h, o grupo realiza, em sua sede, a tradicional 'Cantoria', evento que marca o início simbólico da temporada junina.

A programação é um dos momentos mais importantes para os brincantes e admiradores do bumba meu boi, pois será quando o grupo apresentará as novas toadas que irão embalar as apresentações deste ano.

Nome do touro

Além disso, o público conhecerá o nome do touro que será destaque nas noites de São João, elemento central da manifestação cultural.

A festa também abre espaço para outros ritmos, com uma seresta comandada pelos cantores Camila Pereira e Ricardo Lobo, garantindo um clima animado e diverso ao longo da tarde.



Narcisa Tamborindeguy entre Wesley Carvalho e o maranhense Zil Oliveira, em seu apartamento no Edifício Choppin, no Rio



O bistrô Villa do Vinho lançou uma linha de presentes elegantes e funcionais com curadoria do sommelier em formação Werter Bandeira (foto). São acessórios como taças, saca-rolhas, decanters e aeradores, que tornam a experiência mais sofisticada e especial



Advogada Patrícia Azevedo com a pastora Ivanildes Fonseca, Rubenita Carvalho, Ironara Pestana e Halda

Palestra sobre autoestima feminina

A advogada Patrícia Azevedo ministrou palestra sobre identidade e valorização da mulher cristã na Igreja Missionária Pentecostal Genesaré Sal da Terra e Luz, no Turu. A ação integrou o projeto 'Valorizar Mulher 2026', que promove o fortalecimento feminino e o combate à violência contra a mulher.

O encontro marcou o encerramento do Mês da Mulher e reuniu importantes lideranças e

profissionais, entre elas a pastora Ivanildes Nunes Fonseca, além das jornalistas Rubenita Carvalho, Ironara Pestana e Halda.

Na ocasião, Patrícia Azevedo destacou a importância da autoestima, do posicionamento e do resgate da identidade feminina à luz dos princípios cristãos, reforçando o papel essencial da mulher na família e na sociedade.